



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

[griotrevista@gmail.com](mailto:griotrevista@gmail.com)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Brasil

de Santana Oliveira, Joedson  
Má-fé: uma alternativa diante do niilismo  
Griot: Revista de Filosofia, vol. 9, núm. 1, 2014, pp. 46-54  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v9i1.601>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576664778004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

UABM [redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## **MÁ-FÉ: UMA ALTERNATIVA DIANTE DO NIILISMO**

Joedson de Santana Oliveira<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

 <https://orcid.org/0000-0002-5198-7592>

### **RESUMO:**

Esse trabalho, seguindo o itinerário da obra central de Sartre mostrará que sendo o para-si, ou a consciência, sempre intencional, ou posicional, resulta-se que ela é reflexo do mundo sem ser nada do mundo, ou seja, a consciência é vazia de conteúdo, portanto é nada. É no ato interrogativo que a consciência dirige sobre si mesma que ela revela-se como sendo nada ou “cheia” de nada, estamos situados pelo niilismo, contudo, trata-se não de um niilismo externo como colocara Nietzsche, mas de um niilismo interno, decorrente de nosso nada de ser. Como “construir” nosso ser a partir do nada? Como dar significado ao mundo a partir do nada? É nessa atmosfera de solidão e angústia que a má-fé se apresenta como refúgio e válvula de escape à náusea que nos atormenta. Nesse contexto, pretendo discorrer sobre as reflexões de Sartre que vai da consciência como nada à má-fé.

**PALAVRAS CHAVES:** Niilismo; Má-fé; Consciência.

## **BAD FAITH: AN ALTERNATIVE TO NIHILISM**

### **ABSTRACT:**

This work, following the route of the central work of Sartre and show that the for-itself, or consciousness, always intentional, or positional results that it reflects the world without getting anything in the world, ie, consciousness is empty of content, so it is nothing. It is upon questioning that awareness drives about herself that she is revealed as nothing or "full" of anything, we are situated by nihilism, however, it is not an external nihilism as Nietzsche put, but an internal nihilism as a result of our being nothing. How to "build" our parti be nothing? How to give meaning to the world out of nothing? It is in this atmosphere of loneliness and anguish that bad faith is presented as a

---

<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Rio Grande do Sul – Brasil e professor do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Piauí – Brasil. E-mail: joedson11@hotmail.com

refuge and relief valve to nausea that plagues us. In this context, I intend to discuss the reflections of Sartre who go to the consciousness as nothing to bad faith.

**KEYWORDS:** Nihilism; Bad faith; awareness

## Introdução

Toda reflexão de Sartre tem como ponto de partida a consciência, que talvez seja o ponto fixo que Arquimedes procurava. A famosa expressão de Husserl de que “*toda consciência é consciência alguma coisa*” parece ter sido a certeza fulcral de que Sartre necessitava. Para resolver alguns problemas que a idéia de consciência podia gerar Sartre a dividiu em duas, ou seja, há dois modos da consciência: a *consciência não tética de si* ou *cogito pré-reflexivo* e a *consciência tética de si* ou *cogito*. A primeira é não posicional, todavia possibilita a segunda que é posicional. Como isso dá na realidade? Vejam: se me perguntam o que faço nesse momento respondo rapidamente que estou escrevendo, sem, no entanto tematizar que estou escrevendo. Já a consciência tética é sempre posicional, ou seja, dirigida ao em-si, de tal forma que se suprimirmos o em-si suprimimos também a consciência. A partir disso Sartre nos mostra que a consciência é não-tética com relação a si e tética com relação ao mundo. É nesse sentido que o autor de *O Ser e o Nada* refuta Alain para quem “*saber é saber que se sabe*”. Ou seja, se considerarmos os dois modos de ser da consciência, uma consciência tética e outra de modo não tético a afirmativa de Alain é um absurdo. A partir disso Sartre “desenhará” a consciência como sendo fundamentalmente: Nada, liberdade e temporalidade. Limitar-nos-emos aqui a pensar a o desdobramento da consciência como nada.

Assim, em um primeiro momento apresentaremos o modo sob o qual a consciência é Nada, ou seja, não é nada de determinado, nada que está no mundo, para em um segundo momento apresentar as conseqüências dessa constatação. A revelação da consciência como sendo nada é seguida pela angústia, que Sartre chama de Náusea que advém do fato do para-si se ver obrigado a construir-se a si mesmo a partir do nada. Como isso é possível, se é que é possível? A má-fé, sob diversos modos, aparece como fuga desse estado desolador, ou seja, diante da dificuldade de nos “construirmos” a partir do nada agimos de má-fé negando o nosso nada de ser e nos afirmado como algo. Contudo, antes de entrarmos no terreno na má-fé é necessário fazermos uma ligeira caracterização do pensamento de Sartre elucidando alguns conceitos propedêuticos.

## Uma noção do ser-em-si

Sartre diz que os modernos realizaram uma grande proeza ao “reduzir o existente à série de aparições que o manifestam” (Sartre, 1997, p. 15), mas o que significa precisamente essa proeza ou “progresso”? Trata-se da superação de um dualismo segundo o qual o fenômeno era uma manifestação interna ao sujeito sendo o na sua totalidade, isto é, na sua essência inacessível (coisa-em-si). O progresso ocorreu precisamente quando constatamos que aquilo que nos aparece tem uma realidade em si mesmo aparecendo sempre a uma consciência doadora de sentido. Na ótica fenomenológica a aparição não mascara o existente, mas, o revela: “não há mais um exterior do existente, se por isso entendemos uma pele superficial que dissimule ao olhar a verdadeira natureza do objeto” (Sartre, 1997, p.15).

Dessa forma, “o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta” (Sartre, 1997, p. 16). Feita a superação entre o ser e o aparecer, isto é, do *Noumenon* e do *Phaenomenon*, Sartre rompe também com a idéia de ato e potência, para o filósofo francês, “tudo esta em ato” (1997, p. 16). As coisas são o que elas são - não há devir. A genialidade do escritor não esta em seu potencial, mas sim, em suas obras.

Sartre (1997, p. 16) cria, então, um novo dualismo ao reduzir o existente e uma serie de aparições - o dualismo do infinito no finito: “o existente, com efeito, não pode se reduzir a uma serie finita de manifestações, porque cada uma delas é uma relação com um sujeito em perfeita mudança”

Assim sendo, implicaria que a nova teoria do fenômeno teria constituído a realidade do existente como se dando a partir de uma objetividade fenomênica que se multiplicaria infinitamente. Dito de outro modo, o fenômeno mesmo estando relacionado com um sujeito transcendente não estaria definido pelo seu bel-prazer, mas estaria sujeito a uma transcendência que almejaria ‘[...] a série total da qual faz parte’ Tal asserção leva a considerarmos que mesmo uma série finita de aparições que se indica pela sua própria finitude tem a “necessidade” de ser ultrapassada até o infinito. (AIRES, 2007, p. 23).

Ainda que possamos analisar o conjunto da obra que fora escrita por Dostoevsky, todas essas obras que são finitas nos remetem a uma série infinita de análises possíveis. Fica elucidada, assim, a idéia do finito no infinito.

Sartre resolve também um problema que veio sendo discutido desde a antiguidade pelos pelas vertentes realistas e idealistas que diz respeito à relação do sujeito do conhecimento com da realidade a ser conhecida. Problema que Descartes enfrentou uma luta encarniçada. Quando os fenomenólogos reduziram o ser, isto é, o existente, a sua aparição ficou

claro que aquilo que aparece a alguém, ou seja, a uma consciência, uma vez em que essa consciência é sempre posicional, intencional - e que é impossível se falar em uma consciência que não seja “consciência de...” - fica fácil deduzir, desse modo, que existe um em-si. Sartre (1997) chama isso de “prova ontológica” (p. 32,34). Há então um em-si no que é base ontológica do para-si. O que seria esse em-si? Como o em-si é constituído?

De início o em-si sartreano pode ser comparado ao ser de Parmênides. Segundo Parmênides o ser é idêntico a si mesmo. Borheim resume o em-si de Sartre em três formulas “o ser é; o ser em-si; o ser é o que ele é”. (BORHEIM, 1971, p. 34). Dito noutros termos o em-si é imutável e, portanto atemporal. Como explicar então a contínua modificação das coisas? Sartre, contra essa possível objeção, afirma que o para-si muda, isto é, o para-si esta sujeito a um devir contínuo. O divórcio entre Sartre e Parmênides ocorre a partir do momento que em que o filósofo eleático afirma que “só existe o ser, o não-ser não pode ser coisa distinta de Sartre, que vê um ser (o em-si) e um nada de ser (o para-si)” (Aires, 2007 p. 28). Contudo, apesar de Sartre conceber um nada de ser, esse não ser, da consciência, não tem estatuto ôntico, uma vez em que, ela (a consciência) é sob o modo de não ser, trata-se então de uma ausência de ser? Sartre(1997) responde isso dizendo que o para-si “É o que não é e não é o que é” (p. 105). Essa frase contém a síntese do que vem a ser o Para-si.

Bem, mas, aonde é que a Náusea<sup>2</sup> ou angústia surge em toda essa discussão que parece metafísica? Segundo Sartre, a partir do momento em que o para-si saindo do realismo ingênuo percebe a realidade como uma criação sua, trata-se de uma criação de sentido, a despeito de que “a consciência só pode se posicionar em relação a um existente que tenha a realidade independente dela própria” (Aires, 2007, p. 28). Contudo, toda realidade é contingente, não há necessidade em absolutamente nada. As coisas não têm razão de ser, o fenômeno da má-fé, que discurremos em outro momento, aparece em um de seus modos para esconder esse fato. Gostaríamos muito de sermos necessários de percebemos uma razão para tudo que ocorre porque é muito angustiante admitir que o mundo que nos cerca é contingente e, o que é mais grave, nós mesmos somos contingentes e desnecessários.

Vejamos, então, como Sartre articula sua idéia de para-si como nada.

### **O paras-i como nada: niilismo**

O movimento que nos permite chegar ao nada é a interrogação, que por sua vez, pressupõe a existência de um interrogador e do interrogado.

Ao interrogar alguém o interrogador deseja saber algo que não sabe, contudo pode se deparar com outro não ser à medida que o interrogado pode não saber. Isso nos coloca diante de um duplo não-ser, o não-ser do não-

saber do interrogado e o não-ser como possibilidade do não-saber do interrogado: “assim, a interrogação é uma parte lançada entre dois não-seres: o do não-ser do saber, no homem, e a possibilidade de não ser, no transcendente” (Sartre, 1997, p. 45). Todavia, é importante observar que em si não dá uma resposta, uma vez que, o ser-em-si, simplesmente é. De tal forma que o não-ser só vem ao mundo como uma resposta a uma interrogação lançada pelo para-si. Assim, “o mundo não revela seus não-seres a quem não os colocou previamente como possibilidades” (Sartre, 1997, p. 47). Ainda há, contudo, um terceiro não-ser que vem a tona como uma resposta negativa diante da expectativa de uma resposta positiva, esse não ser aparece quando a resposta é “nada”, “ninguém”. Quando pergunto “quem esta nessa sala?” A resposta pode ser “ninguém”: ou quando indago: “o que aconteceu com o carro?” Nada.

A essa altura pode surgir a pergunta: será a negação a origem do nada ou nada a origem da negação?

Nosso filósofo responde isso dizendo que “(...) o não-ser não vem às coisas pelo sujeito de negação: ao contrario, é o juízo de negação que está condicionado e sustentado pelo não-ser” (Sartre, 1997, p. 51). O famoso exemplo de Pedro pode esclarecer bem essa questão. Se combino com Pedro para nos encontrarmos em um bar em um determinado horário e chego quinze minutos atrasado, ao entrar no bar percebo que Pedro não está. A ausência ou o nada de Pedro possibilitou o juízo negativo e a ausência de Pedro contaminou todo o bar, nas palavras do próprio Sartre (1997, p. 52): “a condição necessária para que se possa dizer não é que o não-ser seja presença perpetua, em nós e fora de nós. É que o Nada infeste o ser”. Mais adiante Sartre (1997) explica com mais clareza essa questão afirmando: “o nada não pode modificar-se a não ser sobre um fundo do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme” (p. 64). Parece-nos que Sartre cria com essa afirmação outro problema que pode ser colocado nos seguintes termos: como o ser-em-si, sendo pura positividade, idêntico a si mesmo, carrega o nada, a negatividade dentro de si, em seu coração como um verme? Não estaríamos aqui diante de uma visível contradição? Como Sartre resolve essa dificuldade?

Na análise dessa questão parece-nos que tudo fica resolvido se reafirmarmos o em-si como aquilo que é, ou seja, positividade pura e colocarmos o nada como característica e fundamento do para-si, através do qual, o nada vem ao mundo pelo processo de nadificação que opera o para-si nadifica-se a si mesmo porque este não se encontra como nada que esta no mundo. Ademais, Sartre acentua que essa questão só pode ser respondida pela metafísica, não faremos maiores incursões nesse problema para evitar digressões. Voltemos então ao para-si.

Sendo pura indeterminação, o para-si vive uma contínua tentativa de querer ser alguma coisa. E diante da pergunta que Heidegger faz em “Ser e Tempo” pelo sentido do ser, Sartre se depara com o nada. Agora, pela

liberdade o ser tentará construir-se a si mesmo a partir do nada. “(...) a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos realidade humana não pode diferenciar do ser da realidade humana (Sartre, 1997, p. 68).

Dessa forma, segundo essa premissa, o homem não pode ser para depois ser livre, ele é livre e só depois é. Quando nos damos conta de que somos livres? Dito em outros termos o que revela nossa liberdade? Para Sartre (1997) é na angústia que a liberdade aparece: “(...) a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão” (p. 72) o que seria a angústia então?

A primeira observação feita por nosso filósofo é que angústia é diferente do medo. O medo é uma espécie de temor diante de algo, medo de assalto, medo de feras e animais peçonhentos. Já a angústia é um temor, uma incerteza diante de nós mesmos. O receio de nossa própria contingência nos assusta. Ao caminhar sobre uma ponte evito pensar no fato de que sou livre e poderia pular da ponte, desconfio de mim mesmo, gostaria muito de não haver chance alguma de eu pular, mas essa possibilidade é real, procuro, então, não tematizá-la.

As personagens dos romances sartreanos são exemplos de como essa angústia nos aparece. No segundo tomo de *Os Caminhos da liberdade*, no romance *Sursis*, temos o jovem Philipe que na ânsia de ser livre para ir a uma guerra falsificou documentos e estava disposto a qualquer coisa para ir à guerra, até mesmo brigar com a família. Porém, na hora de pegar o trem e partir ficou angustiado porque era livre para ir e não ir. Se fosse faria a revolução contra os outros se ficasse faria a revolução contra si mesmo, eis um exemplo de angústia.

Ficamos angustiadados à medida que somos tomados de súbito e obrigados a escolher, para que se preencha o nada que se abre a nossa frente. Além disso, tem o nada que somos, ou seja, somos nada, (não ser) mas, queremos ser. A essa altura alguém pode objetar que toma decisões a todo o momento e não vê angústia alguma ao escolher café e não leite pela manhã. Ou que não vê angústia alguma em decidir vir à universidade de bicicleta e não de ônibus. Como Sartre resolveria esse problema?

Sobre essas questões queremos nos reportar mais adiante com o conceito de má-fé, mas já podemos dar indícios para explicar porque não me angustio a todo instante.

Nosso filósofo explica isso afirmando que boa parte de nossas ações estão no âmbito da estrutura pré-reflexiva, por isso não temos apreensão nenhuma da angústia, ou seja, tomo café sem um mínimo de reflexão sobre o ato de tomar café, como carne no almoço sem nenhuma reflexão prévia. Não costumamos tematizar nossas decisões. Quando se trata de uma rotina muito corrida a reflexão fica ainda mais rara. “a consciência do homem em ação é consciência irrefletida” (Sartre, 1997, p. 80).



Existem outras formas de nos livrarmos da angústia, a imersão nos valores, por exemplo, é uma delas agimos segundo uma escala de valores que recebemos desde a infância sem nenhuma reflexão previa. Ignoramos que somos nós que fundamentamos os valores e não o contrário. “de resto, existem concretamente despertadores, cartazes, formulários de impostos, agentes de policia, ou seja, tantos e tantos parapeitos de proteção contra a angústia” (Sartre, 1997, p. 84).

Bom, se existe alguma possibilidade de fugir do pavor da angústia é natural que façamos isso, mesmo que para isso tenhamos que negar a liberdade. Se não existe como se livrar da angústia quando ela se apresenta como consciência de liberdade a solução é negar a liberdade para evitar que a angústia apareça e a essa supressão da liberdade Sartre dá o nome de má-fé.

### **A má-fé e sua função**

Para Sartre o para-si tem que estar constantemente reafirmando ou voltando atrás de suas escolhas, ou seja, somos pura liberdade. Nossas escolhas são tão incessantes que acabam causando pavor, angústia e desconforto. A má-fé é uma tentativa de negar essa nossa liberdade. Como ocorre essa negação? Por que precisamos dessa negação?

Talvez a melhor forma de esclarecer a má-fé seja por meio de exemplos como fez Sartre. O primeiro exemplo que nos é dado em *O Ser e o Nada* (1997) é o caso do primeiro encontro entre um casal. Embora pareça claro que a intenção de ambos seja a troca de fluidos orgânicos antecedido pelo contato da epiderme isso não é admitido pelo casal. A moça tende a negar internamente a verdadeira intenção do rapaz, ela prefere pensar naquele moço como um homem educado e gentil que a trata bem esquecendo sua verdadeira intenção. Quando chega a certa altura do encontro o rapaz segura a mão dela. Ela pode consentir com o clima numa atitude de reciprocidade, como pode retirar sua mão quebrando o clima. Contudo, ela prefere negar, então, nega que sua mão esteja sendo segurada. Ela faz isso deixando-a inerte, como se não fizesse parte de seu corpo até recolhê-la naturalmente. Eis um exemplo de má-fé onde a liberdade tenta ser negada ou no mínimo ignorada. Nesse mesmo encontro a moça começa a falar de si, de sua personalidade, de como ela é, segundo Sartre, todas essas tentativas de ser sincero, se definir como alguma coisa, de coincidir consigo mesmo, incorrem em atitudes de má-fé. Uma vez em que o para-si não é idêntico a si mesmo, exatamente por que somos nada. Falar de nós mesmos, tentando a sinceridade sempre incorre em atitudes de má-fé isso porque só o em-si é idêntico a si mesmo já o para-si “não é o que é e é o que não é”.

Dessa forma, chegamos ao exemplo do garçom que através de todos os seus gestos tenta se objetificar. Quando se olha para um garçom ele



parece mais um robô que uma pessoa. Sartre usou o exemplo do garçom, mas poderia ser a aeromoça, o vendedor ou qualquer outro profissional parecido. O que fica claro em todos esses tipos sociais é a tentativa de se objetificar, ou seja, de se negar como liberdade e, portanto, indeterminado para se definir algo determinado, um em-si. Assim, diante do nosso nada de ser tentamos nos esconder por trás de nossos papéis sociais. Esse é mais um exemplo de má-fé à medida que consiste numa tentativa de mascarar nossa liberdade e indeterminação e querer coincidir consigo mesmo.

A sinceridade torna-se impossível segundo Sartre porque o para-si não é idêntico a si mesmo, só o em-si é idêntico a si mesmo, ou seja, só o em-si é o que é. Outro exemplo de conduta de má-fé é o caso do homossexual que tenta negar sua homossexualidade. Na verdade, Sartre lança a questão: quem está de má-fé o campeão da sinceridade que quer que o homossexual se assuma como tal ou o homossexual que não quer se assumir? Sartre responde que os dois estão de má-fé. O campeão da sinceridade age de má-fé na medida em que o próprio projeto da sinceridade incorre em má-fé e como já enfatizado, como o para-si não é, toda tentativa de tentar consigo mesmo incorre em atitudes de má-fé. Quanto ao homossexual, a sua incursão na má-fé ocorre a partir do momento em que ele diz que não é homossexual no sentido de que a mesa não é uma cadeira, ou seja, ele não se admite como homossexual, mas se admite como qualquer outra coisa.

O que não se deve perder de vista no tocante a questão da má-fé é que ela surge como alternativa para o nosso nada de ser: niilismo. Se a todo o momento tivéssemos que tematizar nossas ações e reafirmar o nosso nada de ser a vida seria muito angustiante.

### Considerações finais

Dado o exposto, pode se deduzir que a leitura sartreana da condição humana é pessimista? A primeira vista não, uma vez em que Sartre se apresenta com a fascinante idéia de que somos absolutamente livres e portando, autores de significado para tudo que existe, contudo, a imagem de um para-si como sendo diametralmente nada, sem nenhum ponto fixo a qual possa se fundamentar, estando completamente ilhado por nada nos parece desoladora. A constatação de que nossa existência é totalmente injustificável e de que não existe ninguém que possamos justificar sua existência é, de fato, um diagnóstico angustiante. Parece-nos que esse niilismo decorrente de nosso nada de ser adquire em Sartre, mais que em qualquer outro existencialista, uma das conseqüências mais deprimentes, daí a necessidade da má-fé para encobrir tudo isso. Caso não houvesse essa saída viver seria um drama só.

Se ao lado do despertador que nos acorda todos os dias houvesse um revolver carregado e tivéssemos que justificar todos os dias a nossa

existência, isto é, decidir entre a vida e a morte, talvez muita gente já houvesse optado pelo trágico. Da mesma forma se não houvesse grades que nos impossibilitasse de nos jogar de um apartamento ou parapeitos de proteção nas pontes e viadutos constantemente tentaríamos o perigo. Na verdade, esses parapeitos de proteção antes de serem construídos no mundo material, eles são construídos em nossa mente. Diante do niilismo nos refugiamos nos valores, na religião, nas leis de nosso país ou em uma idéia de moralidade, todos esses modos de negar a nossa liberdade absoluta e não enfrentar o niilismo Sartre dá o nome de má-fé, que nos parece a saída mais plausível para todo esse drama que é existir.

### Referências bibliográficas

- AIRES, M. G. *O conceito de consciência em O Ser e o Nada de J.- P. Sartre*. Rio Grande do Norte, 2007. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, UFRN. 107p.
- BORNHEIM, Gerd. *Sartre*. 3.ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2000. 315p.
- COX, Gary. *Compreender Sartre*; tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Sursis: Os caminhos da liberdade 2*. Trad. Sérgio Milliet. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.